

RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: INDISCIPLINA REGRAS E LIMITES EM MEIO AO UNIVERSO DISCIPLINAR

Rosiele de Jesus Oliveira¹
Antônio Cláudio França Lima²
Ranildo Garcia Monteiro³
Ana Cristina de Sales⁴

RESUMO

O trabalho tem por objetivo analisar a indisciplina escolar no cotidiano dos alunos. Tendo em vista que a indisciplina é um dos maiores desafios encontrados pelos professores em sua prática educativa. Buscou-se compreender como o conhecimento teórico desses profissionais está interagindo com a prática da profissão docente. A indisciplina escolar pode ser fruto de diversos acontecimentos decorrentes na vida da criança/adolescente podendo advir inclusive das atitudes/falas do próprio professor que podem ser interpretadas de maneiras distintas entre os alunos causando inquietação, tumultuo e conflito na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina escolar, Regras e Inserção na sociedade.

INTRODUÇÃO

O texto tem por objetivo descrever um relato de experiência a partir da vivência com o estágio supervisionado, no Ensino Fundamental anos finais na E.E.F. Bezerra Sampaio⁵, pertencente à rede pública de ensino no município de Juazeiro do Norte, Sul do Ceará. Tendo como eixo norteador a análise da indisciplina, buscando compreender suas motivações e o enfrentamento desta no cotidiano escolar. Tendo em vista que esse é um dos maiores desafios encontrados pelos professores em sua prática educativa. Segundo Rego (1996, p.85):

Costuma-se compreender a indisciplina, manifestada por um individuo ou um grupo, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação motora.

¹ Graduanda do Curso de História pela Universidade Regional do Cariri-URCA, rosiele__oliveira@hotmail.com

² Graduando do Curso de História pela Universidade Regional do Cariri-URCA, claudio20132013@live.com

³ Graduando do Curso de História pela Universidade Regional do Cariri-URCA, ranildogarcia@gmail.com

⁴ Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC, anasalesprof@gmail.com

⁵ Nome fictício para preservar a identidade da escola.

Qualquer ato que confronte as normas estabelecidas pela escola ou que desobedeça a essas regras existentes é considerado indisciplina e a repressão dessas atitudes pode ter como consequência o baixo rendimento escolar dos alunos.

O professor fica entre garantir o cumprimento das normas e impor limites aos alunos, de forma ponderada, para que não afete negativamente o interesse dos mesmos pelos estudos evitando assim, o desencadeamento futuro de emoções negativas, traduzidas em comportamentos inadequados. Tais limites deveriam ser analisados e aplicados da melhor forma possível para todas as partes envolvidas, escola, família e discentes.

Na experiência de estágio, observou-se que a indisciplina na aula de História ocorre principalmente pelos alunos julgarem a matéria menos importante do que matérias como Português e Matemática, por exemplo, sob a alegação de que não viam motivo de estudar o passado – talvez pelo fato de não conseguirem associar o conteúdo estudado, com seu cotidiano – e que em Português e Matemática pelo menos eles aprendiam a ler e as operações básicas. Entretanto, sabe-se que os problemas são para além dos ressaltados pelos alunos.

São situações como essa que nos fazem questionar: quais fatores realmente são causadores da indisciplina? Seria o desinteresse pelas aulas de História? Ou porque os alunos não conseguem vincular o seu cotidiano com o estudo histórico? Quando o professor não dialoga com os discentes e não abre espaço para que os mesmos participem da aula, eles vão encontrar um modo de dialogar entre eles, através de conversas paralelas. Se os alunos não se interessam pelo assunto por acharem a aula uma coisa monótona, sem vida ou sem relação com o seu dia a dia, é bem provável que se dispersem durante a aula e acabem atrapalhando.

Devemos considerar também que, quando o professor é autoritário demais e impede que os alunos expressem o seu ponto de vista, a aula se torna desagradável. De acordo com Aquino (1996) Anteriormente, o professor considerava-se superior e o único detentor do saber, estabelecendo uma relação de obediência e subordinação com os alunos. O aluno disciplinado, era aquele que fazia silêncio absoluto, era obediente e submisso ao professor. O que era para ser prazeroso acaba virando uma obrigação e terminava desestimulando os alunos. Porque como sabemos, a matéria, o assunto dado na sala de aula é associado ao

professor logo de cara, isto é, se os alunos não gostam do professor consequentemente não vão gostar da matéria.

A indisciplina tem representado uma das grandes dificuldades da escola, principalmente nos dias de hoje, sendo um enorme desafio a ser enfrentado pelo docente. Segundo Alves (2006) a prática educacional, como toda e qualquer prática, desencadeia uma série de questões e, especificamente quando se trata de assuntos ligados à indisciplina, levanta obstáculos que instigam com frequência os profissionais envolvidos no processo educativo. Considerando que, o dia a dia das salas de aula, tem se formado com base em uma das maiores dificuldades encontradas por muitos educadores em sua prática pedagógica e que esta dificuldade se tornou um motivo de apreensão para as instituições escolares, profissionais da educação em um modo geral e pais, o preparo desses para lidar com tais situações é indispensável.

Os profissionais de educação, em particular os professores, não recebem por parte da escola, muitas vezes, até por certo comodismo da instituição e deles mesmos e também do decurso de sua formação, a base que lhes sirva de apoio para lidar com uma série de diversidades que irão encontrar em uma sala de aula (GONDO, 2009, p. 09).

A história de vida de cada um implica diretamente no seu aprendizado, assim como a formação do professor também implica diretamente na sua maneira de ensinar (e aprender).

PRÁTICAS COMUNS QUE LEVAM OS ALUNOS AO LIVRO DE OCORRÊNCIAS

Durante o período de Estágio Supervisionado IV na Escola de Ensino Fundamental Bezerra Sampaio foi observado que existem vários motivos que levam os alunos a assinarem o livro de ocorrências, como brincadeiras de esconder o caderno, caneta e lápis do colega ou brigas entre os alunos. Além disso, existem os motivos principais que são: o uso de celular em sala de aula e a falta de respeito ao professor.

Sabemos que, a lei de nº 14.146/08 proíbe o uso de celulares e qualquer aparelho eletrônico durante o horário de aula no Estado do Ceará, desde o mês de junho de 2008 quando a lei foi aprovada. A permanência da utilização do celular na sala mesmo com a proibição do mesmo, ocasiona consequentemente, as

reclamações dos professores em relação à dispersão de alguns alunos que podem estar atrapalhando o restante da turma e, provavelmente, os alunos que foram chamados à atenção irão faltar com respeito diante do professor, de modo que, torna-se praticamente impossível não envolver o núcleo gestor no conflito entre o professor e o aluno.

Através da família e da escola, o indivíduo vai se adaptando pouco a pouco no meio social. Nestes ambientes é onde são ensinados a maioria dos direitos e deveres morais e éticos necessários para que se viva em harmonia na sociedade em que se está inserido. O poder escolar está presente de forma subjetiva, isto é, algo que está baseado na interpretação individual, mas que deve ser respeitado e posto em prática pelo núcleo gestor para que haja uma certa ordem tanto na relação professor-aluno quanto na instituição em si e no espaço em que esta ocupa na sociedade no contexto sócio histórico.

Quando se prepara uma aula, se faz com base no fundamento de que a turma inteira quer assistir aquela aula com avidez de aprendizagem. Mas, na prática percebemos que nem sempre é assim, pois, em algumas circunstâncias aquela aula não é interessante para o aluno e este acaba se dispersando. Porém, para ir parar no livro de ocorrências é necessário que o aluno se comporte de uma maneira que prejudique a rotina da aula, por exemplo, quando perturba a ordem da sala de aula impedindo que a aula aconteça.

O professor faz o plano de aula no intuito de ter algo programado do conteúdo que será trabalhado e para que esse possa ser transmitido para a turma de uma forma que todos possam compreender e participar da aula. No plano de aula o professor já tem imaginado todo o cenário da aula desde o momento em que ele irá falar até o instante em que ele vai ouvir os educandos exporem suas opiniões.

É necessário ainda, que o professor tenha percepção de quando é participação e de quando é apenas bagunça, ou seja, quando o aluno está querendo realmente participar ou quando ele quer apenas atrapalhar. Por exemplo, se o professor está explicando o conteúdo e o aluno interage com o assunto é participação, agora, se o aluno quiser interagir, mas com um assunto diferente do que está sendo trabalhado é necessário prestar mais atenção para que o assunto da aula não seja desviado e para que por causa de um todos não saiam prejudicados.

INDISCIPLINA OU VIOLÊNCIA?

Até que ponto a indisciplina na escola pode ser tolerada? Quando perceber que passou de indisciplina para violência, uma vez que violência não é apenas física? Acredita-se que a palavra que rege tais ações ou, pelo menos deveria, é tolerância. Até que ponto os professores devem tolerar a arrogância, ignorância, indisciplina, piadas, chacotas, deve o professor fechar os olhos para tais situações? São questionamentos válidos e de extrema importância para que possamos compreender o cenário e até mesmo o ambiente em que a escola está inserida. É importante entender também, que a indisciplina na maioria das vezes é uma maneira encontrada pelos alunos de manifestar seus sentimentos ou até mesmo expressar sua indignação com algumas regras impostas com as quais eles não se sentem confortáveis.

Por exemplo, se a escola tem como regra que os alunos só podem entrar de tênis ou sapato, no período quente é bem possível que os alunos insurjam e sejam vistos como indisciplinados por revoltarem-se com tal regra como efeito do calor que sentem, mas que não podem se aliviar para não infligir às normas escolares. Como é perceptível há de certa forma, uma violência por parte da instituição escolar, pois, ao cortar as repressões/resistências, a escola não está tolerando as diferenças e nem respeitando o direito de escolha daqueles que recebem educação. Nesse caso, através das normas impostas no ambiente escolar, podemos entender por violência o ato físico ou verbal para oprimir ou obrigar alguém a realizar alguma coisa. Essas normas são mais direcionadas aos alunos, focando em conter as ações por eles realizadas. Mesmo que seja uma violência “produtiva”, há violência.

A escola como qualquer outra instituição, é um lugar onde é exercido algum tipo de poder, tanto por parte dos profissionais da educação quanto por parte dos aprendizes. Tudo e todos devem/obedecem às regras, as medidas disciplinares e enquadram-se a todo o momento nestas medidas. Segundo Foucault (1987), o tempo, o espaço, os gestos e atitudes, impõem seus corpos, mesmo sem uma percepção mais elaborada e impactante a atitudes de submissão e docilidade.

Se houver mudanças físicas nessas instituições, pode-se dizer que existiram também alterações dessas relações de poder? Podemos perceber que o

mesmo modelo escolar enquanto estrutura física, burocracia e funções exercidas, podem ser facilmente relacionadas com as cadeias, os manicômios, hospitais, etc. O poder principalmente nesses lugares sempre está concentrado nas mãos de alguns, é algo que é exercido em rede, interligando os indivíduos como uma teia, sendo que qualquer um pode ser passivo e ser submetido ao poder, como também pode ser ativo e exercê-lo. Ou seja, deve ser analisado até que ponto esse poder implantado em tais instituições interferem na realidade.

As relações de poder nessas instituições, para Foucault, foram marcadas pela disciplina sobre os corpos, fazendo com que fosse crescente, tanto a docilidade quanto à utilidade desse poder em diversos sistemas como o crescimento industrial, econômico e social. Articulado principalmente o poder com o saber, sendo professores e alunos afetados igualmente pelas mudanças sociais que ocorrem na sociedade em que estão inseridos. Pois, na medida em que a escola produz valores, ela também participa da transformação dos mesmos, sendo um lugar que implica diretamente na produção desses sujeitos.

Para Michael Foucault, as ligações de poder circulam no interior da sociedade estando presentes em todos os lugares e em todas as coisas. O autor usa como exemplo de poder em sua obra as instituições como: asilo e prisão, da mesma forma é a escola, uma instituição onde também se aplica a punição quando necessário. Segundo Foucault (1987, p. 127): “A coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada”.

Afirma ainda que:

Nessa humanidade de complexas relações de poder, corpos e forças submetidos por múltiplos dispositivos de ‘encarceramento’, objetos para discursos que são eles mesmos elementos dessa estratégia, temos que ouvir o ronco surdo da batalha (FOUCAULT, 1987, p.269).

Apesar de o autor citar no livro apenas duas instituições específicas, ficam claro que na sociedade na qual estamos inseridos a escola também faz parte desse ambiente de modo que as regras tem a mesma finalidade que é submeter o indivíduo ao poder, à obediência.

DO PONTO DE VISTA SOCIAL

A ideia de consciência histórica, que vem sendo elaborada por Jörn Rüsen, relaciona-se diretamente com o ensino de história atual. A cultura escolar, com os manuais didáticos, ainda é uma das principais vias de transmissão da pesquisa

histórica referente à cultura histórica de uma sociedade. Sendo tal ideia parte do conjunto de pesquisas e reflexões referentes ao campo de estudos da Educação Histórica que tendem a dialogar com as demais teorias educacionais que buscam uma melhor compreensão dos processos de ensino e aprendizagem.

O autor ressalta ainda, a importância do desenvolvimento de pesquisas sobre a utilização do livro didático tanto pelos professores quanto pelos alunos de forma que, seria mais perceptível a diferença entre cultura escolar (que se refere ao material didático de história) e cultura da escola (trata-se do que ocorre no próprio ambiente escolar). O autor destaca que:

A cultura histórica contempla as diferentes estratégias de investigação científico-acadêmica, da criação artística, da luta política pelo poder, da educação escolar e extraescolar, do lazer e de outros procedimentos da memória histórica pública, como concretudes e expressões de uma única potência mental (RUSEN, 1994, p. 2).

Analisando o tema de um ponto de vista social, o professor pode usar a interdisciplinaridade como um meio para despertar o interesse específico do aluno; ele pode também tentar ter aulas mais dinâmicas e participativas ou ainda, usar a interação como método de aprendizagem. Estas são possibilidades que o professor tem para resolver tal problema e/ou amenizar a tensão em sala de aula.

“As questões sociais referentes à família, à instituição escolar, à política, à religiosidade ou a qualquer outro âmbito social, não são solucionadas buscando-se apenas um culpado, neste caso o aluno, que é representado como responsável pelos seus problemas de indisciplina”. Lacerda (2007, p. 3). Ao contrário do que se imagina, as razões pelas quais a indisciplina ocorre, estão direta ou indiretamente distribuídas igualmente entre a escola, os familiares, a ausência de limites, as desigualdades sociais, o aluno e o professor. Embora as justificativas estejam centradas quase sempre em problemas na família, em influência da televisão, da sociedade, da mídia como um todo, nas carências, as mais diversas, exclui-se o educador de qualquer responsabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar, este trabalho faz referência à investigação de um tema bastante complexo, pelo fato de envolver muitas variáveis que podem influenciar o comportamento indisciplinado na sala de aula. Segundo resultados de pesquisas realizadas pela TALIS (Teaching and Learning International

Survey)⁴ em 2013, coordenada mundialmente pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico); os professores no Brasil gastam em média, 20% do tempo de aula pedindo silêncio ou chamando a atenção da turma pela desordem da mesma. No início de cada aula, quando há troca de docente, é sempre um tumultuo. Apesar do professor já se encontrar em sala, na maioria das vezes, os alunos não param suas atividades corriqueiras nem suas conversas paralelas para prestar atenção na presença do professor na sala. A falta de respeito é perceptível.

É bem verdade que alguns alunos levam mais tempo para se concentrar, nem todos que estão presentes na mesma sala de aula têm o mesmo nível de concentração e/ou estão dispostos a estarem ali e prestarem atenção no que lhes está sendo proposto. Até porque, na maioria das vezes os professores não chegam propondo e sim impondo conteúdos que nem sempre os alunos estão abertos ou interessados a participar, o que acaba levando os mesmos à dispersão.

É compreensível, por exemplo, quando os alunos estão voltando de uma aula prática de Educação Física ou do intervalo se eles estiverem um pouco agitados, mas, não é justificável tal agitação durante toda troca de professor como ocorria diariamente na escola, citada anteriormente, ou até mesmo durante toda a aula como em alguns casos em que o professor não conseguia ministrar sua aula, pelo simples fato dos alunos serem inquietos durante todo o tempo. E como em muitas vezes a conversa de uns acaba dispersando os outros, os alunos não têm concentração em sala, o professor tem de está intervindo sempre.

O professor atua como mediador do conhecimento de modo que é necessário uma concentração maior no aprendizado, na obtenção de conhecimento que os alunos estão tendo, como eles estão conseguindo absorver tais aprendizados e de que forma os mesmos estão aplicando esses saberes na prática cotidiana.

O descaso, com as aulas de história muitas vezes é visível, desde o momento em que o aluno julga um conteúdo mais importante do que outro até quando a própria escola substitui algumas aulas, de determinadas matérias, para

⁴ TALLIS é a uma pesquisa internacional coordenada pela (OCDE) que tem como foco principal avaliar o ambiente de ensino e aprendizagem, e as condições de trabalho dos professores e diretores nas escolas. No Brasil, a aplicação e o tratamento dos dados é responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

fazer aulas geralmente com o intuito de obter maiores aprovações nos exames externos, o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE) é um exemplo disso.

Tais ações tornam mais perceptíveis que o ensino esteja focado cada vez mais na quantidade e não na qualidade, isto é, a escola não está preocupada se o aluno realmente aprendeu o conteúdo e conseguiu absorver de fato para a vida aquele conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cândida Maria Santos Daltro. **(In) Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar.** Ilhéus, BA: Editus, 2006.

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis, Vozes, 1987.

GARCIA, J. **Indisciplina na escola.** Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GONDO, Rosangela A. R. **Dificuldades enfrentadas por professores e alunos no ensino médio noturno.** Paraná: PDE, 2009.

LACERDA, Chislaine Keile Fernandes Ruiz. **Repetência e fracasso escolar.** Paraná: PDE, 2007.

RÜSSEN. Jörn. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico.** Brasília: editora da UNB, 2007.